

## 2.5.

## *O envolvimento das famílias e da comunidade*

*Tal como já foi referido, a participação dos pais e das mães no trabalho do jardim-de-infância é fundamental em todas as áreas curriculares, mas tem especial importância numa área tão sensível como a formação pessoal e social e, especificamente, na aprendizagem dos valores relacionados com o género e a cidadania.*

**A** criança interioriza desde muito cedo algumas ideias estereotipadas, sendo determinante o papel dos adultos significativos, de entre os quais se destacam com maior frequência – mas não exclusivamente – o pai e a mãe. Abordadas explicitamente no quadro de uma análise reflexiva que leve em conta as capacidades cognitivas das crianças, até as eventuais dissonâncias entre as ideias veiculadas na vida familiar e no jardim-de-infância estimularão o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Mas, provavelmente, este é o principal desafio com que os educadores e as educadoras de infância se confrontam.

Neste sentido, toma particular importância a atenção ao ambiente familiar e a (auto)avaliação da forma como as famílias são levadas a ter conhecimento e participar no trabalho do jardim

-de-infância. Paralelamente, importa clarificar todas as questões que possam ser alvo de interpretações ambíguas.

Por outras palavras: na educação, sobretudo no trabalho com crianças pequenas, há sempre uma enorme ‘carga ideológica’. Clarificá-la e explicitá-la, por parte das educadoras e educadores, não é fácil, mas é fundamental para estabelecer uma relação de confiança, mesmo quando as ideias não são as mesmas que as veiculadas pelas famílias.

Esta explicitação passa, como foi já referido, pela explicitação dos princípios que estão na base de todo o desenvolvimento curricular e que desde o início devem ser apresentados às famílias. Antecipando ou respondendo à preocupação destas em acompanhar o trabalho realizado no jardim-de-infância, é fundamental ouvir e envolver encarregados de educação – de ambos os sexos - nesse trabalho.

Seguem-se alguns exemplos de projectos de reflexão sobre as questões do género e da cidadania realizados com a finalidade de implicar as famílias.

Paralelamente, há que considerar a cada vez maior diversidade dos contextos sócio-familiares em que as crianças vivem. Durante muitos anos, o nosso imaginário foi povoado de ideias sobre as famílias ditas “tradicionais” que já não existem.

## QUADRO 10 - Exemplos de situações do quotidiano

### Situação A

O Miguel, a Ana, a Carla, a Maria, a Teresa e a Susana estão a brincar na área da casa. Prepararam um lanche, convidaram colegas, tendo estado toda a tarde muito empenhados nesta actividade. Chegou a hora de arrumar. O Miguel sai da casa e diz que vai para o recreio pois não é nenhuma menina para ter que arrumar a casa. Se fosse educador/a desta sala qual seria a sua intervenção? Pode ser um bom exemplo para discutir e trabalhar em grande grupo!

Mas o que faria no caso da família vir ao jardim de infância criticar o/a educador/a por obrigar o filho a fazer tarefas femininas? Pode ser um bom ponto de partida para falar com a família sobre as regras definidas na sala de jardim-de-infância, em que todos têm que participar nas tarefas do quotidiano, independentemente de serem rapazes ou raparigas. Esta constatação

pode auxiliar a família a uma posterior reflexão sobre as regras que existem na esfera doméstica, a respeito dos rapazes e raparigas poderem/deverem realizar as mesmas actividades.

### Situação B

Uma mãe vem trazer os dois filhos ao jardim-de-infância, um menino de 3 anos e uma menina de 5 anos. Conta à educadora da filha, a rir, que se vê logo que o filho é rapaz: já dá ordens à irmã, é muito mais esperto apesar de ser mais pequeno. Qual a intervenção da educadora? Se calhar pode ser importante convidar esta mãe a vir mais vezes ao jardim-de-infância para conhecer melhor os comportamentos da filha, no meio das outras crianças e desmistificar esta ideia pré-concebida de que os rapazes são mais espertos, ao mesmo tempo que pode observar que os rapazes sem dar ordens também conseguem atingir os seus objectivos.

Quando os educadores ou educadoras caracterizam os universos familiares das crianças com quem trabalham, confrontam-se cada vez mais com uma rede complexa que tende a intensificar-se: há crianças que vivem só com o pai; crianças que vivem só com a mãe; crianças que para além do pai ou mãe biológico, têm um “novo” pai ou uma nova “mãe” derivada de outros casamentos, crianças que vivem em tutelas partilhadas com o pai e com a mãe, crianças que vivem com dois pais ou duas mães (homossexuais ou bissexuais); crianças que vivem com os avós; crianças que vivem em instituições, etc, etc..

Esta diversidade impõe algumas reflexões: será que tem sentido celebrar o Dia do Pai ou o Dia da Mãe como tradicionalmente se fazia? Como é que se explica às crianças esta diversidade de situações? Como é que as famílias toleram esta diversidade?

Há livros de histórias que abordam estas questões e que são um auxiliar muito útil para a educadora, ou para o educador. Mas é sobretudo no dia a dia que através da conversa, das respostas às questões que vão surgindo, que se conseguem ultrapassar estas diferenças de forma positiva, proporcionando às crianças

## QUADRO 11 - Exemplo de Projectos



**FIGURA 18 - Situação A**

### *Situação A*

No Dia da Criança as educadoras convidam os encarregados de educação do sexo masculino para prepararem uma festa para as crianças na qual têm que desempenhar tarefas diversas, muitas destas habitualmente associadas ao sexo feminino (cozinhar, tecer serapilheiras para fazer almofadas...). O evento proporciona às crianças observarem tarefas tradicionalmente femininas a serem desempenhadas por homens. Paralelamente, a iniciativa é importante porque frequentemente são as mães ou avós quem se disponibiliza a participar nas actividades do jardim-de-infância.

### *Situação B*

Na conversa de grupo, as crianças discutem sobre a necessidade de pedirem à presidente da Junta de Freguesia (mãe de uma rapariguinha do grupo) ajuda para a compra de um computador. Um dos rapazes reage: A mãe dela não pode ser presidente da Junta! Ela não é homem!. Gera-se uma discussão. Esta polémica e a consequente intervenção da educadora pode ser a base para um projecto em que o grupo vai perguntar à presidente quais as suas funções, porque é que estas tanto podem ser assumidas por homens como por mulheres, etc.

uma aprendizagem estimulante sobre a riqueza da diversidade.

E estas questões também se colocam relativamente às diferenças étnicas, religiosas, linguísticas, a integração de crianças com necessidades educativas especiais, etc., que não podem ser negligenciadas, devendo ser

integradas nas vivências do quotidiano do jardim de infância.

Mas subjacente à diversidade que caracteriza cada vez mais a vida sócio-familiar das crianças, a promoção de uma educação inclusiva entre rapazes e raparigas é a base que não pode ser esquecida para a construção de uma verdadeira

## **QUADRO 12- Exemplos de temas que podem ser objecto de análise em grupos de pais e mães**

“ » Distribuição desigual do tempo dedicado às tarefas familiares e domésticas, as quais poderão ser desempenhadas por ambos os cônjuges, retirando à mulher a sobrecarga de trabalho a que costuma estar sujeita;

» Necessidade e utilidade para o bem-estar e para a saúde dos filhos e das filhas de esclarecer tanto os rapazes como as raparigas a respeito de diversos assuntos abrangidos pela educação sexual (...);

» Disponibilidade desigual de tempo livre entre homens e mulheres para a realização de actividades de lazer (e.g. prática de desportos), de importância fundamental para uma vida física e psicológica de qualidade;

» Acentuada assimetria na distribuição de mulheres e homens pelos diversos sectores de actividade profissional, sendo, em geral, as profissões ditas masculinas mais valorizadas e mais bem pagas do que as ditas femininas;

» Falta de fundamento científico robusto das crenças tradicionais de que os rapazes seriam, por exemplo, melhores nas áreas de estudo que envolvem a manipulação de números, como a matemática, e de que as raparigas tenderiam a apresentar competências superiores ao nível das línguas e uma melhor capacidade de relacionamento interpessoal;

» Desmistificação da ideia de que as mulheres, por serem capazes de gerar crianças, são naturalmente mais aptas para lhes prestar os cuidados básicos (por exemplo, de higiene, de nutrição) e para as educar do que os homens;

» Realçar a constatação empírica de que as diferenças intra-individuais são maiores do que as diferenças inter individuais, pelo que é possível que duas pessoas de sexos diferentes sejam mais parecidas entre si (por exemplo, ao nível das características de personalidade, dos interesses) do que duas pessoas do mesmo sexo.”

**Cristina Vieira, 2007: 110-111**

igualdade de oportunidades e de participação de todos/as.

Neste sentido são apresentadas algumas questões que poderão ser trabalhadas com os pais e com as mães pelos/as profissionais de educação de infância.

Uma análise atenta das consequências de uma socialização das gerações mais novas condicionada por estereótipos de género poderá ainda legitimar a discussão com grupos de pais e mães de outras temáticas actuais, com enorme impacto para a vida familiar e social. Entre os assuntos a merecerem especial atenção, poderemos citar a pesada taxa de acidentes de viação sobretudo no grupo dos rapazes e a maior tendência destes para abandonarem a escola, especialmente durante o ensino secundário.

Mas se as circunstâncias atrás referidas parecem pôr em destaque os prejuízos das estereótipos para o sexo masculino, são inúmeros os exemplos que os pais e as mães poderão discutir que salientam os efeitos nefastos dos estereótipos para as mulheres.

Ainda que as estatísticas mais recentes conduzam a opinião pública a acreditar que as mulheres já conquistaram a quase maioria das áreas

profissionais que outrora eram do domínio masculino, urge trazer para a discussão, entre outros assuntos, a questão da “tripla jornada” das mulheres (mães, profissionais e responsáveis pela gestão doméstica) e dos prejuízos que isso pode trazer para a sua saúde mental e física (dormir menos horas, por exemplo). Por essa razão, não pode concluir-se que a aparente igualdade quantitativa -esteja associada a uma verdadeira igualdade qualitativa (em termos de condições de vida e de bem-estar de ambos os sexos) e que a problemática das desigualdades entre homens e mulheres seja um assunto já “fora-de-moda”. Dando ainda mais importância à actualidade destes assuntos e falando da face mais visível das violências de género, podemos falar da violência doméstica, que em Portugal é a primeira causa de morte entre mulheres adultas-

-jovens, ou ainda da violência no namoro, que, pela sua importância (desigualdade de poder nas relações de intimidade), deu o mote para uma campanha em 2009 por parte da *Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG)*.

Para finalizar salientemos que a pertinência da discussão destas temáticas com grupos de pais e mães deve enfatizar o papel negativo das estereotipias de género não só para o desenvolvimento das crianças, mas também para a vida dos próprios adultos, homens e mulheres, que tendem a contestá-las, mas que talvez nunca tenham sido ajudados a lidar criticamente com elas, procurando alternativas de actuação mais condizentes com os valores da igualdade, da partilha e do respeito mútuo.